

Amigo teve mau presságio

Belo Horizonte — Ao deixar o Edifício Maleta, na Rua Bahia, às 14h, Alexandre Marins Monteiro, 20 anos, estava triste. Ao primo, Luís Sérgio, como ele de Lavras, cidade do Sul de Minas, confessou: "Eu gostava muito do Tancredo. Chôrei muito com a morte dele e não durmo hoje se não vê-lo no caixão". Não viu. Às 15h30min já estava morto, pisoteado perto das grades do Palácio da Liberdade. Nas mesmas condições morreram outras três pessoas e 271 ficaram feridas.

Luís Sérgio Terra, 24 anos, antes de chegar à Praça da Liberdade, teve um mau pressentimento. À noite, no Instituto Médico-Legal, diria: "A organização e a polícia erraram. O corpo de Tancredo passou muito rápido pelas ruas e o povo, que queria vê-lo em sua terra, teve que ficar atrás das cordas. Depois todos foram para a praça ansiosos e com raiva". Alexandre, não.

"Não tem nada que me impeça de ir ao Rock in Rio no próximo ano", disse ele ao primo. Alexandre gostava de rock como de política. Assim, deixou a Rua da Bahia, passou pela Avenida Afonso Pena e subiu a João Pinheiro lendo todas as faixas com frases de Tancredo Neves. "Essa é a que eu mais gostei", disse a Luís Sérgio, apontando para o alto de um poste onde se lia:

"Minas. Teu outro nome é liberdade."

Luís Sérgio, na entrada da Praça da Liberdade, perdeu-se de Alexandre, estudante de engenharia civil. Com o tumulto em frente ao Palácio, onde a polícia espancava populares indiscriminadamente para impedir que as grades fossem derrubadas, ele preferiu voltar para a república que dividia com o primo morto. "As 18h, sua sogra telefonou avisando:

"O Alexandre está morto. Deu na televisão."

Quando chegou ao Pronto Socorro do Hospital João XXIII, uma hora depois, Luís Sérgio assustou-se. Espalhados pelos chão, dezenas de feridos gemiam. Aquela hora, segundo o coordenador médico do HPS, Antônio Faria Verchio, 80% dos 271 feridos já haviam sido

"liberados". Restavam, além dos cinco mortos, "sete pessoas em estado grave e três pessoas em estado gravíssimo na UTI", informou Verchio. Nos 20 postos de emergência instalados no palácio e proximidades, a situação também era grave.

Se no Hospital João XXIII o coordenador Verchio tinha 24 médicos, 32 enfermeiros e 15 residentes, além de outros 40 voluntários para atender os feridos amontoados nas unidades 6 e 8, o palácio estava despreparado para a tragédia. Em seus jardins e dependências havia quase 500 pessoas precisando de atendimento. As rádios e televisões passaram a convocar, com urgência, médicos e enfermeiros. A biblioteca, a capela, a cozinha, os salões inferiores, encheram-se de feridos. A maioria com crises de taquicardia, histeria e com fraturas.

O Doutor Verchio, por sua vez, lembrava-se de apenas dois episódios que lhe deram mais trabalho: "Quando caiu o pavilhão da Gameleira, que teve 70 mortos, e quando um ônibus despencou do Viaduto das Almas, com uns 40 mortos". E foi o médico quem informou a Luís Sérgio: "O Alexandre já foi para o IML".

— Que pena — lastimava no Instituto Médico Legal o primo de Alexandre. "Ele era o caçula, tinha três irmãs, e seus pais tinham muita esperança nele, o único que ia acabar os estudos". Os pais, Geraldo Gonçalves Monteiro e Neide Marins Monteiro, funcionários aposentados da Rede Ferroviária Federal, acompanhavam, em Lavras, o funeral de Tancredo pela TV quando ouviram o anúncio da morte do filho. Passaram a esperar seu corpo para enterrá-lo.

— Pior ainda são essas mulheres — comentou, desolado, Luís Sérgio no IML. Referia-se a outros três corpos pisoteados na Praça da Liberdade e à espera de identificação nas geladeiras do necrotério. Até às 21h, seus prontuários indicavam: "Cor morena, perto de 60 anos; desconhecida número 79. Cor morena, perto de 55 anos; desconhecida número 80. Cor branca, mais ou menos 52 anos; desconhecida número 81".